
Gênero e Sexualidade: Uma análise do Programa ‘Amor & Sexo’ exibido em 02 de Março de 2017¹

Iúrio Ferreira do NASCIMENTO²

Maria Andreia dos SANTOS³

Isadora Meneses RODRIGUES⁴

Universidade Federal do Cariri, Juazeiro do Norte, CE

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar o programa televisivo “Amor & Sexo”, mais especificamente o episódio exibido em dois de março de 2017, que abordou questões de gênero e sexualidade. Para análise, utilizamos como base teórica os estudos sobre televisão de Pierre Bourdieu, a abordagem sobre gênero feita por Judith Butler e os estudos sobre mídia e sexualidade do pesquisador Leandro Colling. A pesquisa é de cunho qualitativo e busca discorrer sobre o discurso utilizado pelo programa na edição examinada.

Palavras-Chave: Amor & Sexo; Gênero; LGBT; Sexualidade; Televisão

Introdução

O ser humano, como um ser social, necessitados processos comunicacionais no seu cotidiano. As primeiras formas de comunicação humana surgiram há milhares de anos, quando o homem começou a dominar a natureza para fabricar utensílios, usar trajes para se proteger do frio, usar o fogo e, dentre outras coisas, desenvolver a linguagem para se comunicar. Se no princípio a comunicação era feita por meio de gestos, o advento de diversas plataformas e tecnologias têm deixando essas trocas comunicacionais cada vez mais complexas.

Em A galáxia de Gutenberg (1972), McLuhan aborda a comunicação a partir da invenção dessas novas tecnologias, com atenção especial à imprensa de Gutenberg. Desde então, com o surgimento da fotografia, do cinema, do rádio, da TV e do

¹Trabalho apresentado na Divisão Temática 4 – Comunicação Audiovisual na Intercom Junior do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

²Estudante do 7º semestre de Jornalismo da UFCA, email: iurio.ferreira@gmail.com

³Estudante do 7º semestre de Jornalismo da UFCA, email: andreia-santos00@hotmail.com

⁴Orientadora do trabalho. Professora Mestre da UFCA, email: isadora.comunicacao@gmail.com

computador, a própria dimensão da sociabilidade humana passou a ser subordinada à questão da técnica. Comunicar, nesse sentido, passou a ser sinônimo de empregar máquinas e utensílios tecnológicos, onde a interação humana passa a ser mediada a partir da incidência desses suportes. Nesse sentido, na contemporaneidade, essas novas mídias passam a ser fundamentais não só para as trocas de informação, mas também para a propagação do conhecimento e para o exercício pleno da cidadania.

Nas últimas décadas, movimentos que lutam pela democratização dos meios de comunicação têm buscado efetivar o exercício desse direito fundamental, que já é previsto na Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948), que em seu artigo 19 destaca que “[...] todo indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras” (Assembleia Geral das Nações Unidas, 1948, Art. 19). O direito à comunicação prevê, por exemplo, que todas as camadas sociais possam expressar suas vontades e opiniões diante de decisões tomadas pelo Estado, resguardando assim a sua participação na vida política em sociedade. Contudo, embora tenha sido incorporada em grande parte das constituições federais do mundo, incluindo a do Brasil, esse direito fundamental é corriqueiramente ferido, pois nem todas as pessoas conseguem exercê-lo em sua plenitude.

Diante dessa impossibilidade de serem ouvidas diretamente pelo Estado, muitos acabam recorrendo aos meios de comunicação. Em pesquisa monográfica, Agostini (2009, pag. 42) ressalta que “o público recorre muitas vezes ao rádio e à televisão para conseguir o que as instituições estatais e privadas não proporcionam: serviços, justiça, reparações ou simples atenção”. É comum a existência de espaços nos radiojornais e telejornais locais dedicados a noticiar reclamações e denúncias feitas pela população. Esses indivíduos se apropriam e compreendem a possibilidade de acionar os veículos de comunicação para expressar e representar suas pautas e anseios.

Dessa forma, os meios de comunicação acabam por desempenhar um papel educativo, pois transmitem questões de cunho social que constituem a realidade e particularidade do cotidiano do seu público. É papel desses meios pautar os grupos

marginalizados e discutir assuntos que muitas vezes são considerados tabus por não serem debatidos efetivamente nas esferas públicas e tão pouco na esfera privada.

Dentre os meios de comunicação, a televisão é a mídia mais consumida pelos brasileiros⁵, o que reflete na sua significativa capacidade de difusão de valores. Pierre Bourdieu (1997) defende que a televisão é um dos principais meios de comunicação a reforçar as estruturas de dominação nas sociedades modernas. Por essa razão, a TV se constitui como uma mídia primordial para abordar a cidadania. Quando um veículo de comunicação de massa como a TV noticia e discute questões sociais e de cidadania, é necessário um olhar atencioso, pois a mensagem transmitida é carregada de um valor simbólico e significativo para os receptores, uma vez que esses assuntos são tocantes aos grupos de interesse acerca dessas temáticas.

Dentre as temáticas cidadãs, as questões da comunidade LGBT⁶ têm tido pouca ou nenhuma representação na TV brasileira. A televisão tem encaixado essa comunidade, de forma mais expressiva, em programas humorísticos e em telenovelas. Como serão apresentadas mais adiante, essas representações colaboram para o funcionamento de uma ideologia misógina, excludente e preconceituosa.

Levando essas questões em consideração, esta pesquisa tem como objetivo analisar o programa televisivo de entretenimento “Amor & Sexo”, transmitido em TV aberta pela Rede Globo de Televisão entre os anos de 2009 e 2017. O programa específico que será analisado foi dedicado à temática da diversidade sexual e de gênero. O nosso pressuposto é de que o programa, ao abordar essa temática, desempenha o papel social de utilizar a mídia como um instrumento de fortalecimento da cidadania, pois o seu debate contempla uma vasta gama de grupos sociais culturalmente excluídos da sociedade.

Gênero e Sexualidade na televisão brasileira

⁵Dado retirado da Pesquisa Brasileira de Mídias - Hábitos de Consumo de Mídia, realizado em 2015 pela antiga Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República.

⁶LGBT é o acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

As lutas da comunidade LGBT possuem um histórico de deslegitimação midiática. A Rede Globo de Televisão, por sua vez, é observada pelos movimentos sociais como um canal que vem manuseando opiniões e apresentando uma programação que acaba por fazer a manutenção de preconceitos, como, por exemplo, quando enfatiza os estereótipos de gênero e de sexualidade. Todavia, é possível perceber que muitas das pautas dos grupos minoritários vêm sendo lentamente atendidas na TV brasileira, e a programação da Rede Globo também passa por esse influxo.

Em 2017, a rede Globo viabilizou a décima temporada do programa “Amor & Sexo” e exibiu, em horário nobre, uma série de programas dedicados exclusivamente a temas como feminismo, machismo e LGBTfobia. Contudo, é importante ressaltar que essa não é a única produção que aborda o tema da sexualidade na rede Globo, bem como não é a única já produzida pela e para a TV brasileira.

De acordo com um levantamento realizado por Quadros (2015), o primeiro programa a tratar de sexualidade na TV brasileira foi exibido pela Rede Globo em 1980, chamava-se “TV Mulher”; em 1999, a MTV Brasil lançou o programa “Erótica”; em 2000, o “Peep MTV”; em 2004 “Ponto Pê”, em 2009 o “Podsex” e em 2012 o “MTV Sem Vergonha”. Antes, em 2006, o SBT estreou o “Aprendendo Sobre Sexo” e, em 2007, o “Altas Horas” da Rede Globo incluiu um quadro com a sexóloga Laura Müller. O programa “Amor & Sexo” estreou em 2009, tendo oito anos de existência com temporadas alternadas a períodos de intervalo.

A Globo, antes de dedicar espaço LGBT no programa “Amor & Sexo”, tem encaixado a abordagem homossexual de maneira mais expressiva em suas telenovelas. Outro levantamento feito por Silva (2015) aponta que 62 novelas da Globo trouxeram personagens gays em suas narrativas entre os anos de 1970 e 2013. Contudo, o fato de esses personagens estarem presentes nos enredos novelísticos não significa que a classe LGBT tenha sido representada com eles.

Os personagens gays nas telenovelas da Globo estão sempre em menor número em comparação ao número de personagens heterossexuais. Por vezes, o foco homoafetivo fica em apenas um casal de personagens em uma novela inteira, quando ocorre de ele estar lá. E, se representados, no caso de gays, ou se apresentam como

masculinizados⁷ ou representados de forma caricata⁸. Esse cenário reforça uma ideia que coloca a classe LGBT num lugar de inferioridade numérica. Fato que é insuficiente no que se refere à representatividade, pondo em evidência uma concepção consolidada na qual o homem heterossexual cis - que nasceu com o sexo masculino e se reconhece como tal - ocupa lugar de dominação. Nas palavras do Doutor em Comunicação e pesquisador de gênero e sexualidade, Darde (2008):

A manutenção da heteronormatividade não se dá pelo fato da exclusão do discurso sobre homossexualidade, e sim por torná-la excêntrica, exótica, transformando-a em um “estilo de vida” da minoria da população, reforçando a hegemonia da norma heterossexual (DARDE, 2008, p. 226).

Há ainda uma diferenciação evidenciada desses personagens no que diz respeito a sua classificação social. A exemplo disso, podemos apontar os personagens “Félix” (Mateus Solano) e “Niko” (Thiago Fragoso) da novela “Amor à Vida”, de Walcyr Carrasco, exibida entre 2013 e 2014. O casal protagonizou o primeiro beijo gay entre homens em uma novela da Globo. Ambos gays, brancos, afortunados e masculinizados. Uma representação que invisibiliza os gays de periferia, negros e afeminados⁹. Não há problema em um gay ser rico, ter a pele clara e ser masculinizado, o problema está na falta de representatividade do outro extremo e na valorização da postura heteronormativa¹⁰ ilustrada a partir da posição financeira.

De acordo com Darde (2008), a heteronormatividade também é reforçada no momento em que homossexuais são levados a querer adotar normas e valores entendidos como heterossexuais. É assim que a questão da representatividade LGBT é frequentemente negligenciada na tela da Globo. Na novela “Império”, por exemplo, que sucedeu “Amor à Vida”, os mesmos padrões de homossexuais ricos, brancos e masculinizados, continuaram a ser exibidos. O único personagem gay que representava

⁷O gay masculinizado é aquele que tem todos os atributos de um homem heterossexual: na fala, no jeito de andar, de se vestir, em seus hábitos e gostos não existem sinais que indiquem que é gay.

⁸A forma mais estereotipada e carnavalesca da figura do homossexual, voz acentuadamente afeminada, acompanhada de trejeitos e gestos por vezes exagerados e desmedidos.

⁹Gays com gestos e ou atitudes tidas como femininas.

¹⁰Termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas.

a transsexualidade, “Xana Summer”, interpretada por Ailton Graça, preenchia o “apelo cômico” da novela.

No meio desse cenário, o programa “Amor & Sexo” se destaca por trazer membros da comunidade LGBT desde sua primeira edição, mesmo que nem sempre bem representados. Como aponta Quadros (2015), o quadro “Gayme”, por exemplo, reforçava os estereótipos quando gays eram colocados para fazer atividades tidas como próprias para heteronormativos. Na sua última temporada, contudo, o programa vem se colocando como um espaço importante para a comunidade LGBT e suas lutas.

O programa ‘Amor & Sexo’ da Rede Globo

O programa “Amor & Sexo” tem como proposta abordar, “de maneira divertida e informal, dois dos assuntos mais polêmicos e misteriosos do mundo: amor e sexo” (MEMÓRIA GLOBO, 2013, online). O programa é produzido por temporadas onde todas as edições contam com presença da apresentadora Fernanda Lima¹¹, que estuda os temas previamente antes das gravações, e de uma especialista¹² na área de sexo e relacionamentos.

Nas suas primeiras temporadas, o formato proposto pelo programa era a inclusão, onde o público participava das discussões feitas por meio de reportagens especiais externas ou quando a própria apresentadora abria um espaço para que pessoas da plateia fizessem perguntas ou pudessem opinar sobre as temáticas. Na primeira temporada, por exemplo, um casal de idosos, Paulo e Valéria, juntos há mais de 50 anos, receberam a função de entrevistar pessoas nas ruas:

“A cada programa uma pergunta sobre amor ou sexo era levada às ruas para que o público pudesse dar sua opinião. Quando questões como “O que você faria se mudasse de sexo por um dia?”, “Você perdoaria uma traição?” ou “Qual foi a última vez que você fez sexo?” eram levantadas pelos repórteres, muitos se espantavam com o fato de dois senhores perguntarem sobre assuntos de cunho sexual. Mas eles o

¹¹Fernanda Lima é apresentadora, atriz e modelo. Formada em jornalismo, ela já atuou em algumas novelas e filmes, mas vai ganhar destaque ao apresentar programas de entretenimento na Rede Globo.

¹²Nas primeiras temporadas do programa, a especialista convidada foi a Psiquiatra e Sexóloga Carmita Abdo.

faziam com naturalidade e respeito e com isso ganhavam a simpatia do entrevistado.” (MEMÓRIA GLOBO, 2013, online)

A inclusão de idosos falando abertamente sobre sexo, as próprias temáticas discutidas e o entrosamento entre espectadores e apresentadora mostram que o programa desempenha uma função educativa, de não só abordar superficialmente as questões, mas de trazer a reflexão e de fornecer espaços para que o público tire suas dúvidas com a especialista convidada.

Canclini (2002) comenta que meios de comunicação como o rádio, a televisão e a imprensa, por exemplo, reproduzem muitos valores dominantes e não favorecem sua transformação. Consideramos que o programa “Amor & sexo” se diferencia dessa lógica ao trazer como pauta televisiva questões ainda consideradas tabus e ao propor debates e quadros informativos acerca dos assuntos que muitas vezes fazem referências a grupos minoritários, como a discussão aberta sobre sexo, questões gênero e sexualidade. A abordagem acerca desses temas, no entanto, é carregada de cuidados, uma vez que se trata de um veículo televisivo de grande abrangência, onde tudo o que nele é veiculado necessita atingir as massas. Nesse sentido:

“a aceitação ou recusa do público em relação a determinado programa, medida através da audiência, sustenta a obtenção de patrocínios que financiam os produtos televisivos. Ainda que “Amor & Sexo” não tenha merchandising em sua exibição, a continuação de sua produção depende da audiência que o programa rende à emissora.” (QUADROS Laura Moura, 2015, p.40)

O público então recebe as informações veiculadas em “Amor & Sexo” de uma forma muito dinâmica e leve. O discurso estabelecido pelo programa deve ser abrangente, mesmo que trate de assuntos polêmicos, pois é necessária a aceitação popular como condição primordial para a sua continuidade.

Em 2013 o programa passa a contar com as performances musicais de Fernanda Lima na abertura, a apresentadora passa a ter mais autonomia ao assumir também a função de redatora do programa. Quadros (2015) afirma que as oito primeiras temporadas de “Amor & Sexo” contaram com diversos quadros e reportagens, mas manteve o seu formato inicial que conta com plateia, banda musical e convidados, enquadrando-se como um programa do gênero auditório.

Embora o programa apresente continuidade ano após ano, chegando a sua 10^a temporada no ano de 2017, se percebe que o que vai diferenciar mais expressivamente as temporadas e as edições de “Amor & Sexo” serão os assuntos discutidos e as ações propostas. Por exemplo, os programas que tiveram como temas nudez, romantismo e, mais recentemente, gênero e sexualidade, se destacam como os mais comentados, tanto pela imprensa como pelos espectadores. Em todos esses três programas, além de apresentarem debates aprofundados com profissionais e pessoas com vivências no assunto, foram feitas intervenções e ações concretas em cima das temáticas.

No primeiro caso, o episódio que tratou sobre o tema ‘nudez’, a intervenção se deu através da abertura do programa, quando dez pessoas desfilaram nuas na abertura da edição. No segundo caso, ao tratar do tema “romantismo”, o programa proporcionou a união estável de três casais no palco, sendo dois casais gays e um heterossexual, propagando, desta forma, a mensagem de que o amor é para todos e que não deve haver distinção. No terceiro e último caso, onde foi abordado o tema ‘Gênero e Sexualidade’, o marido da apresentadora se montou de Drag Queen. Embora essa ação tenha sido problematizada por alguns setores dos movimentos sociais, essa edição chama a atenção pela qualidade do seu teor discursivo.

“Amor & Sexo” vem passando por mudanças no seu formato e nas abordagens dos temas a cada edição, na última temporada lançada, as discussões abordadas tiveram um tom mais aprofundado e cuidadoso. Na abertura do programa sobre respeito à diversidade exibido no dia 02 de março de 2017, o programa se posiciona em favor da luta LGBT, e é essa postura pró-representatividade e a eficácia do conteúdo veiculado que este trabalho se ocupa em analisar.

Análise do programa

A apresentadora Fernanda Lima inicia o programa “Amor & Sexo” do dia 02 de março de 2017 perguntando de que forma a sociedade pode contribuir na luta por respeito às diversidades e contra o preconceito. A psicanalista, escritora e integrante da bancada do programa, Regina Navarro Lins, responde que “O Amor & Sexo contribui

muito”. Além de Regina, que é especialista em relacionamento amoroso e sexual, o programa em questão teve como convidados André Fischer, criador do festival e portal MixBrasil de diversidade, o/a cantor/cantora Liniker, o grupo musical “As Bahia e a Cozinha Mineira”, com suas vocalistas trans, e a Mc Linn da Quebrada, representante da voz “preta transviada” no funk, como é apresentada no programa.

O cenário para esse programa estava ornamentado nas seis cores da bandeira LGBT, com um arco-íris de bexigas coloridas ao fundo do palco e confetes de carnaval jogados no chão. Os dançarinos usando figurinos coloridos e adereços feitos de bexiga, e os convidados e membros da bancada vestindo fantasias e roupas brilhosas tais como a da própria apresentadora. Toda a ornamentação remetia ao Carnaval, o que será avaliado adiante. Na abertura do programa, Fernanda Lima performa com seu grupo de dançarinos e convidados ao som da marcha “Rio 42” de Chico Buarque. A canção escolhida dialoga com o período de Carnaval recém-encerrado quando o programa ia ao ar, e com a ideia de luta pela alegria, as cores, a purpurina e a liberdade sexual numa analogia com pessoas LGBT, o recorte do programa.

A associação do comportamento LGBT com o Carnaval tem sido comum. O Guia Mídia e Direitos Humanos (2014) afirma que as Paradas da Diversidade são noticiadas pela mídia ressaltando o seu aspecto carnavalesco. “As reivindicações políticas ficam, assim obscurecidas. As coberturas também têm se apoiado numa falsa oposição entre 'festa' e 'manifestação política', numa tentativa de enquadrar o fenômeno” (INTERVOZES, 2014, p.43).

De acordo com Entman (1993), *apud* Rossetto & Silva (2012), enquadrar é selecionar aspectos da realidade percebida e fazê-los mais salientes no texto comunicativo. Sobre enquadramento e agendamento na mídia, Colling (2012), pesquisador de comunicação da área de gênero e sexualidade, afirma:

A pessoa que usar apenas os estudos do agendamento para analisar a cobertura da imprensa brasileira sobre as questões LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais) possivelmente concluirá que o tema, ao longo dos últimos anos, passou a fazer parte, com mais frequência, de reportagens, notícias e entrevistas, que o movimento LGBT conseguiu pautar a temática na mídia (ou seja, ingressou na agenda midiática) e que esse tema, por tabela, também passou a fazer parte das conversas das pessoas e debates públicos e de algumas,

ainda incipientes, políticas públicas (COLLING, 2012, p. 112).

A representação das Paradas da Diversidade como festas carnavalescas distancia o lado político do movimento LGBT nas pautas jornalísticas. Contudo, em um programa de auditório com duração de pouco mais de 50 minutos, o debate acaba por preencher um espaço mais significativo do que a ornamentação festiva, se comparado ao espaço de uma notícia sobre a comunidade LGBT em um telejornal. O manifesto festivo das Paradas do Orgulho LGBT é motivado pela reivindicação de direitos e por respeito à diversidade. Quando “Amor & Sexo” abre o programa sobre a “Luta do orgulho LGBT no Brasil”, como pronunciado por Fernanda Lima ao apresentar o tema, com uma canção que traz ideias do tipo “guerra declarada no Carnaval” e versos como “A gente vai salvar o nosso Carnaval”, ele significa a luta e a festa como um só manifesto assim como fazem as Paradas da Diversidade. Ainda na performance de abertura do programa, dançarinos aparecem ao fundo segurando placas com reivindicações como em um protesto.

Se os protestos LGBTs são representados na TV, eles existem. Como pontua Bourdieu ao salientar a particularidade da imagem quanto a sua capacidade de produzir o “efeito do real”, “esse poder de evocação tem efeitos de mobilização” (BOURDIEU, 1997, p. 28) visibilizando, assim, a luta de uma classe. Com a causa LGBT na agenda midiática tem-se uma mediação em curso apontada por Paiva (2005, p.16) quando afirma que “a mídia responsabiliza-se hoje por todas as mediações sociais, é ela que regula a relação do indivíduo com o mundo e com os seus pares”.

Em um momento inicial do programa, Fernanda Lima diferencia sexo, identidade de gênero e orientação sexual. E depois de explicar brevemente cada uma das definições, ela cita a decisão da Comissão de Direitos Humanos de Nova York de oficializar 31 nomenclaturas de gênero. O participante da bancada do programa, o estilista e homossexual Dudu Bertholini, tem a vez de fala e cita algumas nomenclaturas. Depois disso, diz: “na verdade, não importa a classificação e a nomenclatura, o que importa é aceitar as diferenças”. Quando esse discurso vai ao ar, o programa que é gravado e editado assume a responsabilidade sobre o que se diz tanto em relação às nomenclaturas quanto a não identificação com elas, o que possibilita ao

telespectador a oportunidade de se identificar com um, outro ou ambos os discursos. Abastecendo, dessa forma, uma discussão essencial quanto a questão de identidade, que é trabalhada por Judith Butler, filósofa estadunidense, em seu livro “Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da identidade”:

A perspectiva alternativa sobre a identificação que emerge da teoria psicanalista sugere que as identificações múltiplas e coexistentes produzem conflitos, convergências e dissonâncias inovadoras nas configurações do gênero, as quais contestam a fixidez das posições masculina e feminina em relação à lei paterna (BUTLER, 2003, p. 104).

Quanto mais identificações as pessoas recebem pela sua orientação/condição sexual, mais se tem ressaltadas as minorias dentro das minorias, como, por exemplo, as minorias que se subdividem a partir da classe social, e/ou performance. O programa dedicou seus 50 minutos à questão de gênero e sexualidade se configurando como um espaço para minorias expressarem-se.

Deslocando a questão da audiência, apontada por Bourdieu (1997) como raciocínio das redações, para segundo plano, o programa teria como primeira finalidade, então, a de educar e transformar. Sodré (2005), sob influência de estudos em Deleuze e Guattari, e a respeito do espaço onde se aplica o “devir minoritário”, afirma:

O que move uma minoria é o impulso de transformação. É isso que Deleuze e Guattari inscrevem no conceito de 'devir minoritário', isto é, minoria não como um sujeito coletivo absolutamente idêntico a si mesmo e numericamente definido, mas como um fluxo de mudança que atravessa um grupo, na direção de uma subjetividade não capitalista. Este é na verdade um 'lugar' de transformação e passagem, assim como o autor de uma obra é um 'lugar' móvel de linguagem (SODRÉ, 2005, p. 12).

Após a abordagem das identificações, Fernanda Lima anuncia o quadro “Telecurso do Gênero”. Esse momento configura-se como o mais educativo do programa em questão. A apresentadora fala uma nomenclatura de gênero e quem ali presente se identificasse com o termo poderia se manifestar. Muitas pessoas tiveram lugar de fala a partir daí incluindo homens e mulheres trans, a cada termo uma discussão era encaminhada. Nesse sentido se foi discutida a diferença entre travesti¹³ e mulher

¹³Travesti é a pessoa que não se identifica com o gênero biológico e se veste, se comporta e se sente como pessoa de outro sexo.

trans¹⁴, assim como as nomenclaturas não-binário¹⁵ e/ou fluido¹⁶ e o termo “Drag Queen”, que será analisado mais adiante.

Depois inicia-se uma conversa sobre educação sexual e de gênero na escola, e uma convidada conta do uso de pronomes neutros para as crianças em escolas de países da Escandinávia. Se fala no uso de termos pejorativos para ofender homens afeminados, localizando isso como machismo. Fechando esse momento, Fernanda fala sobre os métodos e departamentos de denúncia contra agressão. O “telecurso do Gênero” resume-se em um momento onde vozes têm espaço para existir e essa ação é reconhecida como tal quando Bourdieu (1997) faz entender que a televisão é árbitro do acesso à existência social e política.

O concurso cultural “Bishow” presente em temporadas passadas do programa, ganhou uma nova conotação na edição analisada nesta pesquisa. O quadro tomou pouco mais de 9 minutos do programa e mostrou o que é *Drag Arte*, expressão artística onde pessoas, independente de gênero, se travestem com intuito performático e ou artístico. O concurso contou com a participação de três performances, dentre estas havia tanto *Drag Queen*, pessoa que se veste com roupas femininas estilizadas, como *Drag king*, pessoa que se veste com roupas masculinizadas.

O programa buscou pautar como essa expressão artística é relevante e diz muito sobre transgressão de gênero. Pois as *drags* manifestam o gênero performático enquanto personagem, mas ao sair de cena, retorna ao gênero ao qual se identifica. A filósofa Judith Butler (2003) vai pensar a teoria da performatividade tratando da *Drag Arte*, pois a compreensão de pensar o gênero como performance pode se dar em qualquer corpo, desligado da ideia de que a cada corpo pertenceria somente um gênero.

O marido da apresentadora, Rodrigo Hilbert, esteve travestido de *Drag Queen* durante a edição, até ter sua identidade revelada ao final do programa. Embora ele tenha

¹⁴Mulher trans é a pessoa que, por se sentir pertencente ao outro gênero, pode manifestar o desejo de fazer uma cirurgia no seu corpo para mudar de sexo.

¹⁵Alguém que não é nem 100% homem e nem 100% mulher. Pessoas não-binárias podem utilizar este termo para si independentemente de sua identidade específica.

¹⁶Alguém cujo gênero muda de tempos em tempos. Este é um termo bastante brando, que cobre qualquer tipo de mudança de gênero.

tido essa experiência exclusivamente para participar do programa, se faz necessário destacar que profissão de *Drag* enfrenta muitas barreiras no sentido de se legitimar no mercado de trabalho. Muito mais do que uma ação realizada pelo programa, essa expressão artística é símbolo de luta e de subsistência para muitas pessoas, principalmente da comunidade LGBT.

Se por um lado percebe-se um debate aprofundado sobre as questões das *Drags*, travestis, lésbicas e gays, por outro se nota que os homens trans tiveram muito pouco espaço de discussão e expressão sobre suas lutas. Ainda assim, a representatividade de múltiplas sexualidades e gêneros se fez presente durante o programa.

O debate que se fez presente durante a edição analisada legitima os direitos da comunidade LGBT. Se nas temporadas passadas o programa reproduziu estereótipos e generalizações preconceituosas, agora se faz necessário que o programa dê continuidade contribuindo na propagação coerente e veiculação atenciosa sobre essas minorias.

Consideramos que o programa, como construtor de sentidos e representações, legitimou as lutas de igualdade e respeito sexual e de gênero. Os assuntos discutidos, a trilha sonora, os artistas e os jurados convidados somam um conjunto de fatores que convergiram de forma muito íntima com o discurso sobre a diversidade.

Considerações Finais

O debate sobre gênero e sexualidade é assunto embrionário no que tange aos debates nos veículos de comunicação. As representações televisivas, nesse sentido, têm a capacidade de propagar, naturalizar ou até mesmo generalizar as normas de gênero. A edição do programa analisada nesta pesquisa foge dessa generalização, pois traz à tona um debate mais criterioso e atencioso frente à essas questões.

A rede globo exerce controle sobre a continuidade do programa. Em caso de as temáticas abordadas não resultarem em uma boa audiência ou não serem bem recepcionadas pelo público, o programa não volta para a grade da emissora. Ainda assim, a produção do programa foi bastante cautelosa e atenta ao escolher as pautas e escrever o roteiro do programa de modo a incorporar todo o público.

Através desta pesquisa, entende-se que o programa “Amor & Sexo” se sobressai em relação aos demais programas de entretenimento e de auditório ao se preocupar com

a qualidade de produção de suas temáticas. A edição analisada contribuiu de forma benéfica para o esclarecimento do público ao tratar o tema com respeito, didatismo e coerência.

O programa televisivo corrobora para a construção de pensamentos dos telespectadores e, por essa razão, a discussão aprofundada sobre gênero e sexualidade na TV aberta brasileira se faz necessária porque contribui para o respeito às diferenças de modo a assegurar o exercício da cidadania, como se esperaria de um papel democrático dos meios de comunicação.

Referências Bibliográficas

AGOSTINI, Ludyane Chaves. **O “Comunicação para a Cidadania” como chave para a formação de um novo profissional da Comunicação.** Monografia (Graduação) - Faculdade de Comunicação Social da UFJF, Juiz de Fora, 2009.

BOURDIEU, P. **Sobre a Televisão:** seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUTLER, J. **Problemas De Gênero:**feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANCLINI, Nestor García. Cidades e cidadãos imaginados pelos meios de comunicação. **Opinião Pública**, Campinas, v. 8, 2002.

COLLING, L. Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero?. In: PELÚCIO, L. *et al* (Orgs). **Olhares plurais para o cotidiano:** gênero, sexualidade e mídia. Marília: Cultura Acadêmica, 2012 Disponível em: <<https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/ebook-olhares-plurais.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

DARDE, V. W. S. **A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira.** 2008. Disponível em:<<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/3109/4731>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

GLOBO PLAY. Amor & Sexo – Programa do dia 02/03/2017, na íntegra. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/5695481/>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

INTERVOZES. **Guia Mídia e Direitos Humanos**. 2014. Disponível em: <<http://intervozes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Guia-Mi%CC%81dia-e-Direitos-Humanos-menor.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2017.

MCLUHAN, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Editora Nacional, Editora da USP, 1972.

MEMÓRIA GLOBO. **Amor & Sexo**. 2013a. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/amor-sexo.htm>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos do Homem**. Assembleia Geral das Nações Unidas, Art. 19, 1948.

PAIVA, R. Mídia e política de minorias. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A. (Orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa Brasileira de Mídia 2016**. Brasília : Secom, IBOPE, 2016. Disponível em <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

QUADROS, L. M. **Sem preconceito? A representação LGBT em “Amor & Sexo”**. 2015. 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Jornalismo, Departamento de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br:8080/xmlui/bitstream/handle/1/1883/Quadros_Laura_Moura_de.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 08 abr. 2017.

ROSSETTO, G. P. N.; SILVA, A. M. **Agenda-setting e Framing: detalhes de uma mesma teoria?**. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/22933/18921>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

SILVA, F. N. **Bicha (nem tão) má: representações da homossexualidade na telenovela Amor à Vida**. 2015. 226 f. Dissertação (Pós-graduação) – PUC Rio Grande do Sul, Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/7112/1/000467545-Texto%2bCompleto-0.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2017.

SODRÉ, M. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, R.; BARBALHO, A. (Orgs). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.